

DÍAZ-TOLEDO, AURELIO VARGAS — **Os livros de cavalarias portuguesas dos séculos XVI-XVIII**. Lisboa, Pearlbooks, 2012, ISBN 978-989-97328-4-1, 206 páginas

O presente volume, objeto da recensão que aqui se publica, teve origem numa tese de doutoramento em Filologia Românica – intitulada *Estudio y Edición Crítica del «Leomundo de Grécia»*, de Tristão Gomes de Castro – desenvolvida e defendida no dia 17 de dezembro de 2007 pelo seu autor, Aurelio Vargas Díaz-Toledo, na Universidade Complutense de Madrid. Se durante esse trabalho de investigação, que aliás recebeu o Prémio Extraordinário de Doutoramento pela Universidade Complutense de Madrid, Díaz-Toledo se dedicou a um livro de cavalarias manuscrito do português Tristão Gomes de Castro, como acima se refere, a verdade é que o jovem investigador não abandonou as suas pesquisas no que aos livros de cavalarias diz respeito, nomeadamente os portugueses; antes pelo contrário: tem acentuado e «defendido a necessidade de aprofundar o estudo dos livros de cavalarias» (p. 11). Assim sendo, e na tentativa de preencher uma lacuna há muito existente nos estudos literários portugueses, «onde o espaço dedicado ao género cavaleiresco tem sido, até agora, muito repetitivo ou limitado» (p. 12), publicou, em 2012, a obra cujo título é *Os livros de cavalarias portuguesas dos séculos XVI-XVIII*.

Como bem afirma Aurelio Vargas Díaz-Toledo, «os romances de cavalarias constituem um dos géneros narrativos mais salientes do século XVI na Península Ibérica, em especial em Castela e Portugal» (p. 12). Com efeito, em função da sua reconhecida popularidade, durante esse período e ainda nas primeiras décadas do século XVII, «publicaram-se nas tipografias hispânicas cerca de 200 edições dos mais de 60 títulos originais que se conformam com este género na sua versão impressa» (p. 13). Partindo apenas destes números pode afirmar-se que as novelas de cavalaria gozavam de uma vasto conjunto de leitores frequentes, embora o seu êxito tenha depois entrado em declínio, sendo mesmo esquecidas, dando espaço a outras e novas formas de literatura. No entanto, é evidente o escasso valor e dedicação que a crítica académica tem atribuído à literatura cavaleiresca, caso que, por exemplo, não acontece com os livros de pastores ou a épicos quinhentistas (p. 11). De acordo com o que nos escreve o autor, entre as causas que permitem explicar este fenómeno estão, entre outras, «a dificuldade de acesso aos textos de cavalarias – posto que muitos deles permanecem ainda inéditos e as suas edições modernas, caso existam, se encontram esgotadas, sendo impossível localizá-las há muito tempo», sendo certo que as que chegaram até nós podem ter sido alvo de modificações de edição para edição; «o facto de, nalgumas ocasiões, não se ter tido em conta a história editorial»; e, ainda, «a grande extensão dos textos, a sua divisão em várias partes (...), a sua estrutura labiríntica ou a profusão de personagens (p. 11). Por outro lado não podemos esquecer que o frequente desprezo da crítica académica em relação a estes ciclos literários parte, desde logo, da censura declarada quer por sectores eclesiais quer por certo número de

intelectuais, uma vez que tanto para uns como para outros as novelas de cavalaria nada mais eram do que relatos de histórias fingidas que para além de apresentarem esquemas narrativos demasiado repetitivos, expunham assuntos à época moralmente questionáveis.

Por tudo isso, nesta sua publicação Díaz-Toledo procurou sobretudo iluminar as novelas de cavalaria, em especial as escritas em língua portuguesa, restituindo-lhes o prestígio de que são portadoras, (re)avaliando a sua riqueza de tópicos e temáticas e propondo uma revisão global que passa pela catalogação e contextualização exaustiva de um número considerável de textos. Neste sentido, a obra está dividida em duas partes bem delineadas. Na primeira, o autor debruça-se sobre «Os romances de cavalaria portugueses na sua versão impressa», traçando uma linha diferenciadora entre o contexto castelhano e o panorama português baseando-se nas linhas evolutivas das novelas de cavalaria em língua portuguesa (p. 13-24) e considerando a existência de um momento de inflexão em Portugal com a publicação de 1587 das Terceira e quarta partes da crónica de Palmeirim de Inglaterra o Duardos II, do lisboeta Diogo Fernandes (p. 25). Apresenta, igualmente, uma lista acompanhada das folhas de rosto das «Reimpressões de livros de cavalarias portuguesas originais» (p. 33-35), bem como dos «Livros de cavalarias castelhanos impressos em Portugal» (p. 36-38); uma análise das notícias relativas a «Outros livros de cavalarias portuguesas originais» que atualmente não se conservam (p. 38-39); uma lista das várias edições lisboetas do Don Quijote de la Mancha, também ela com ilustrações das diferentes folhas de rosto (p. 39-40). Na segunda parte, Aurelio Vargas Díaz-Toledo dedica-se aos «Livros de cavalarias portuguesas na sua versão manuscrita», concentrando os seus esforços em dar luz a um dos campos de investigação menos explorado no que diz respeito a estes textos. Começa, então, por descrever a circulação manuscrita dos livros de cavalarias castelhanos (p. 53-58), passando ao estabelecimento de um corpus de textos e testemunhos conservados de livros de cavalarias portuguesas manuscritas (p. 59-64). Chegado a este ponto, o autor abre caminho a uma análise que inclui um resumo detalhado e exaustivo de cada uma das novelas atualmente conservadas – a Crónica do Imperador Maximiliano, a trilogia do Duardos de Bretanha, a Argonáutica de Cavalaria, a Crónica do Imperador Beliandro, o Belianis de Grécia (V Parte) e a História do príncipe Belidor Anfíbio e da princesa chamada Corsina – assim como dos relatos de tipo cavaleiresco inseridos noutras novelas – «História de dois amigos da ilha de S. Miguel», insere nas Saudades da terra de Gaspar Frutuoso e as narrações cavaleirescas incluídas na muito conhecida História de menina e moça de Bernardim Ribeiro – e dos diversos livros de cavalarias infelizmente perdidos. Ainda assim, Díaz-Toledo afirma que este corpus está longe de ser concluído pois poderão ser descobertos outros textos hoje inéditos (p. 65-180).

Para finalizar, é de louvar a extensão da bibliografia com que Aurelio Vargas Díaz-Toledo termina o presente volume e a importância para quem estuda estes assuntos e pretende fazer deles um ponto de partida para as suas investigações. Dividindo-se, como